

# COLLAGE DE AFETOS

## Novos olhares para o Parque Itaimbé

*COLLAGE OF AFFECTIONS*  
*New perspectives on Itaimbé Park*

**Juliana Lamana Guma<sup>1</sup>, Fernanda Rodrigues Vargas<sup>2</sup>,  
Adriano da Silva Falcão<sup>3</sup> e Marina de Alcântara<sup>4</sup>**

### Resumo

Este artigo é resultado parcial do projeto de extensão Afetos, que busca construir a história do Parque Itaimbé, em Santa Maria-RS, a partir das histórias de vida dos moradores e frequentadores do local. Nesse contexto, a collage surge como alternativa para a representação subjetiva de memórias narradas, buscando recortes e unindo os fragmentos que reforçam as questões de pertencimento e identidade com o local e nelas simbolicamente representados. Neste trabalho estão apresentados cinco entrevistados, identificadas através de uma rede de afetos, que contaram suas histórias através de entrevistas abertas. Além das memórias individuais, foi possível vislumbrar as transformações de usos e da paisagem do parque através do estudo da dinâmica urbana associada à história coletiva do espaço.

Palavras-chave: história oral, memória, urbanismo.

### Abstract

*This article is a partial result of the Afetos extension project, which seeks to build the history of Itaimbé Park, in Santa Maria-RS, based on the life stories of local residents and visitors. In this context, the collage emerges as an alternative to the subjective representation of memories narrated, seeking clippings and uniting the fragments that reinforce the issues of belonging and identity with the place and symbolically represented in them. In this work, five interviewees are presented, identified through a network of affections, who told their stories through open interviews. In addition to individual memories, it was possible to envision the transformations in uses and the park's landscape through the study of the urban dynamics associated with the collective history of the space.*

*Keywords: oral history, memory, urbanism.*

1 Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria-RS, especialista em Gestão Estratégica do Território Urbano pela Unisinos, Porto Alegre-RS e Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS. Docente no Curso de Arquitetura e Urbanismo na UFN desde 2015, professora colaboradora no projeto de extensão universitária [com]VIDA e orientadora da bolsa PROBEX do projeto "História oral do Parque Itaimbé: afetos, memórias e evolução urbana".

2 Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana (UFN), bolsista PROBEX na mesma instituição com o Projeto de Extensão "História oral do Parque Itaimbé: afetos, memórias e evolução urbana" vinculado ao Projeto [com]VIDA.

3 Arquiteto e Urbanista. Doutorando em Desenvolvimento Regional 2020 (PPGDR/UNISC), Bolsista PROSUC/CAPEs II, Mestre em Engenharia 2005 (NORIE/UFRGS) e Professor Assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana desde 2003 (CAU/UFN). É membro do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado do Curso. É representante institucional do Fórum Técnico do Instituto do Planejamento de Santa Maria (PMSM).

4 Arquiteta e Urbanista, Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana (UFN) desde 2017. É coordenadora do projeto de extensão universitária [com]VIDA na mesma instituição e orientadora da bolsa PROBEX do projeto "Passeios para brincar: roteiros didáticos no Parque Itaimbé".

### Introdução

Este artigo é fruto de um Projeto de Extensão vinculado à Universidade Franciscana de Santa Maria que, desde 2018, vem investigando o espaço urbano local e suas dinâmicas. Propondo ações que intentam reforçar a identidade, fortalecer a apropriação de moradores com o seu lugar de vivências cotidianas e dinamizar a vida na cidade, o projeto busca aproximar os saberes acadêmicos e comunitários em diferentes territórios e contextos locais.

Em 2022 o Projeto de Extensão [com]VIDA passou a trabalhar com o Parque Itaimbé, no centro de Santa Maria. De ações diversas que já foram realizadas, como caminhadas urbanas abertas ao público, passeios guiados com turmas de 5ª ano do ensino fundamental da rede pública municipal, aplicação de sinalização com pinturas e participação em rodas de conversas e feiras que aconteceram no Itaimbé, este texto compartilha uma parcela do material produzido a partir do projeto Afetos, que registrou em *collages* as memórias e as histórias de alguns moradores e frequentadores do local baseado em seus relatos orais.

O projeto Afetos foi criado com a intenção de motivar o resgate das boas lembranças vinculadas ao Parque Itaimbé, instigando que ao espaço físico fossem atribuídas sensações e sentidos pessoais. A proposta de trabalho partiu do entendimento de que o sentido de lugar é fundamental para a qualidade de vida que ele proporciona à uma comunidade e de que a historiografia oficial não engloba relatos individuais que podem ser importantes para a identidade local.

Como lugar tem-se o entendimento como um espaço que, se uma vez indiferente e genérico, se transformou ao dotar-se de valores sensíveis ao indivíduo (TUAN, 1983). Ao espaço do Parque Itaimbé são somadas camadas de memórias que contribuem para que os moradores se vejam naquele território, reforçando conexões pessoais com o Parque Itaimbé que fortalecem o sentido de lugar, atribuindo definições e significados, como conceituado por Tuan (1983).

Tendo como referência os relatos orais, a confecção de collages, apresenta-se como uma possibilidade de registro da história do Parque Itaimbé sob novos olhares. Nesse sentido, ouvir os relatos e compreender as dinâmicas da espacialidade operadas ao longo do tempo é uma maneira de colaborar para a construção da memória do parque desde a sua implantação que, por ser recente, ainda permite identificar testemunhas que acompanharam todo o processo. A partir das percepções e afetos destes entrevistados os afetos, usos, acontecimentos ocorridos no parque e não registrados na historiografia oficial podem ser resgatados.

Compreender as transformações do espaço urbano e a relação das pessoas com o lugar onde constroem suas vidas a partir de entrevistas pode fornecer importantes ferramentas de análise que demonstram os sentidos de pertencimento, identidade e afeto. Estas são maneiras de realizar uma leitura mais aproximada de como opera a dinâmica da sociedade e do seu entorno social na produção e (re)produção dos seus espaços de vivência cotidiana.

Entende-se que o conhecimento da história e memória do lugar podem promover e ampliar os sentimentos de respeito às suas características, demonstrando sua complexidade e salientando suas particularidades. Esses elementos carregam um significativo potencial para as modificações do espaço urbano, acolhendo as necessárias transformações e fortalecendo a apropriação dos (novos e antigos) moradores com o local. No entanto, quando busca-se estudar a história de uma cidade, de modo geral, a historiografia oficial não considera os relatos individuais como fonte

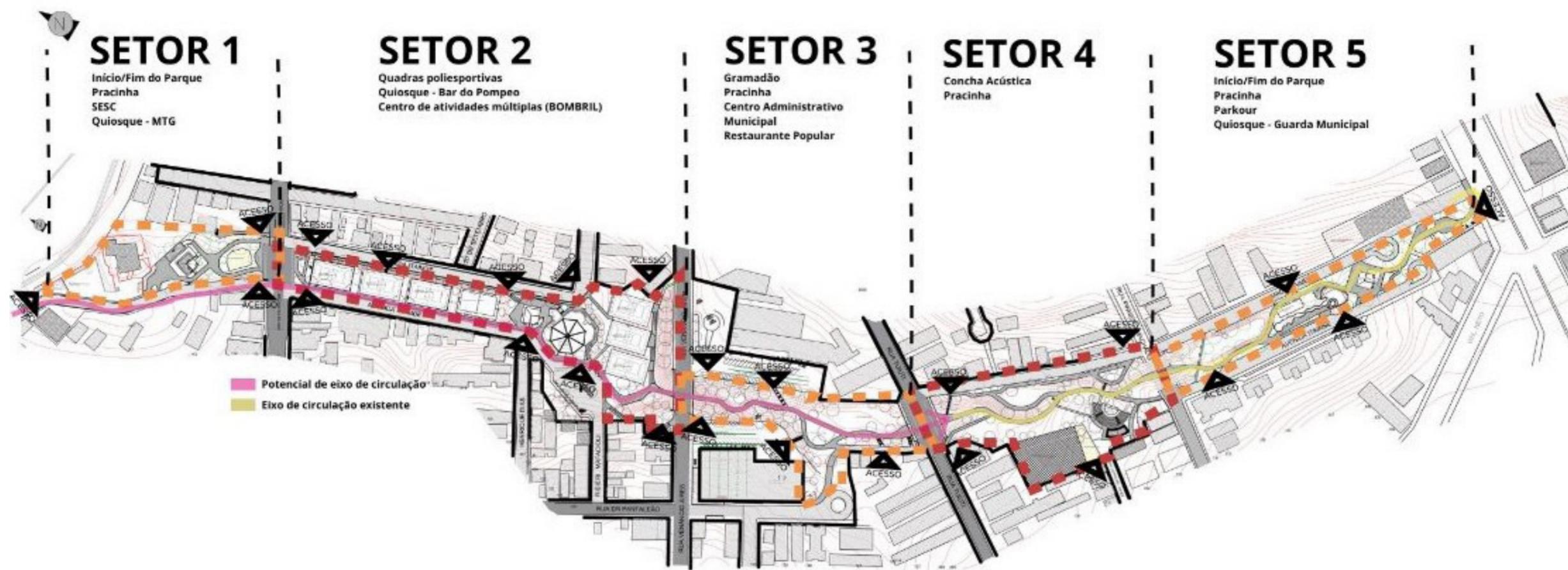


Figura 1 - Mapa do Parque Itaimbé com identificação dos setores. Fonte: Acervo do projeto [com]VIDA, 2023.

de registro, limitando a pesquisa às fontes documentais oficiais.

Acredita-se que a história oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia de um local. Perspectivas essas que reconhecem na individualidade novas possibilidades para a preservação da memória do lugar. Cada personagem tem em si um universo de informações: suas vivências em família, as motivações que o fizeram chegar e permanecer ou sair do entorno do parque, a sua relação com os espaços e com os vizinhos, sua forma de se localizar e se deslocar pela cidade. Perspectivas essas que reconhecem na individualidade novas possibilidades para a preservação da memória do lugar. A memória pode ser entendida como um fenômeno individual que quando encontra a vida social tem potencial para escrever a história coletiva, tornando-se um instrumento e um objeto de poder (Le Goff, 2003).

A sensação de pertencimento a um lugar envolve questões psicológicas, que podem ser despertadas por estímulos sensoriais e fatores como memória, cultura e personalidade do indivíduo. Del Rio (1990) sugere que o sentido de lugar é construído a partir da soma e interação de três aspectos: as atividades que ali ocorrem, os aspectos físicos do lugar e as concepções que os usuários têm do mesmo.

Este relato compartilha os afetos de cinco entrevistados com o Parque Itaimbé ilustrados em imagens que somam camadas das suas histórias pessoais com esse território. A partir destas memórias, foram elaboradas *collages* que nos fornecem elementos para (re)conhecer o parque.

### Parque Itaimbé: história oral, afetos e território

Que história um parque urbano pode nos contar? Como representar a multiplicidade de elementos, histórias, desejos e esperanças que nele se sobrepõem? A cidade é um organismo em constante transformação. As dinâmicas culturais, sociais e econômicas se reinventam e vão escrevendo a história cotidianamente. Estar atento a esses

processos permite que sejam descobertos fragmentos importantes que testemunham a evolução daquele lugar e suas experiências, características e particularidades. Assim, para existir, a cidade precisa de pessoas que a habitam, que a vivenciam e que cotidiana e lentamente a transformam e a registram.

Santa Maria é uma cidade de porte médio localizada na região central do Rio Grande do Sul. O modelo espacial da cidade é linear e policêntrico, tendo no Centro Histórico o ponto mais ativo e densificado do território e é nesta região que se localiza o Parque Itaimbé, único parque urbano municipal central. O Parque Itaimbé é um dos espaços públicos verdes mais conhecidos pela população santamariense. Seu traçado linear acompanha o leito e vale do Arroio Itaimbé canalizado pela gestão pública que, conforme Binato (2023, informação verbal<sup>5</sup>), identificava o córrego como um limitador para a expansão da malha urbana.

O Parque Itaimbé foi um dos produtos resultantes de investimentos federais do Programa CURA (Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada) em Santa Maria nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Albarello (2012) o Programa CURA tinha como objetivo qualificar os serviços urbanos na cidade, oferecendo infraestrutura em áreas já ocupadas com vistas ao desenvolvimento urbano de forma mais homogênea.

Dos recursos aplicados do Programa CURA em Santa Maria, a maior parcela ficou concentrada nas obras do Parque Itaimbé (Albarello, 2012). Com cerca de 1,2km de comprimento, limitando-se à norte pela via férrea e a sul pela Avenida Nossa Senhora das Dores, o parque está em cota inferior às vias adjacentes, sendo dividido em cinco setores (Figura 1) definidos por quatro ruas que o cortam transversalmente configurando viadutos: Rua Silva Jardim, Rua Venâncio Aires, Rua Tuiuti e Rua Pinheiro Machado, de norte à sul respectivamente.

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao Projeto [com]VIDA em Santa Maria, nas dependências da Universidade Franciscana, em 10 de março de 2023.

No projeto original do Parque, cada setor receberia uma série de equipamentos que deveriam auxiliar na identificação de cada local, proporcionando diferentes usos no espaço. Conectando os setores há um eixo de circulação que em alguns trechos se coloca na borda do Parque, em outros ocupa o centro do desenho, conforme figura 01. Como programa, o Parque possui um núcleo de quadras de esportes, um centro de atividades múltiplas<sup>6</sup>, uma concha acústica<sup>7</sup>, três quiosques, pracinhas e áreas de estar e permanência.

Conforme aponta Benaduce (2007), o Parque Itaimbé foi incluído no zoneamento urbano somente em 1980. Na Lei de Uso e Ocupação do Solo vigente no município, ele é considerado uma “Área Especial de Conservação Natural” (SANTA MARIA, 2018), conectando-se com outras áreas verdes no perímetro urbano a fim de formar uma espécie de corredor verde.

De forma intencional o projeto original previa a consolidação do território do Parque pelos usos que eram conferidos a cada setor, no entanto, legalmente, seu perímetro não está definido em documentos oficiais (BENADUCE, 2007) bem como há diferentes interpretações para identificar os edifícios de borda como equipamentos que o integram ou não.

Percebe-se em visitas ao local que há falhas significativas na consolidação de políticas públicas aplicadas para manutenção prolongada e qualificação do Parque, evidenciadas pelo abandono e depredação de seus equipamentos, com passeios públicos quebrados, poucos bancos em condições de uso, quase inexistência de lixeiras e gestão equivocada no paisagismo (com podas agressivas ou inexistentes, e plantio de espécies de arbustos, forrações e flores sem planejamento). As atuais intervenções pontuais no que se referem à obras de iluminação e paliativos no mobiliário urbano parecem não ter conseguido fomentar o uso do parque e reconhecer seu potencial para a área urbana de Santa Maria.

Em 2022 a gestão municipal implantou a ideia de formação do Distrito Criativo (DC) Centro Gare como um projeto de desenvolvimento da área central de Santa Maria a partir de iniciativas relacionadas com a economia criativa. Reconhecendo as possibilidades do Parque Itaimbé, este foi incluído no território do projeto, mesmo que ainda não tenha conseguido levar seus olhares para o parque, mantendo-o deslocado das ações das ações do DC.

Da inconsistência de dados oficiais acerca do território do Parque Itaimbé, seus limites e equipamentos, surge a proposta de registro da história oral como possível fonte de informações que ajudasse a construir uma narrativa de sua história. Mais do que evocar memórias, o recorte que se fez voltou-se para a produção de *collages* que identificam os afetos de personagens que viveram ou vivem no Parque Itaimbé e podem trazer suas contribuições.

### **Metodologia: fragmentos e memórias**

O trabalho com a história oral do Parque Itaimbé foi desenvolvido como uma das atividades do Projeto de Extensão [com]VIDA, que identificou nos relatos orais de algumas pessoas a possibilidade de reforçar vínculos positivos com aquele espaço urbano, somando camadas de lembranças individuais capazes de atribuir valores à

diferentes lugares que fazem a história do Parque.

A intenção com o registro oral buscava o lado simbólico das relações individuais como uma das “dimensões do real” que dão identidade ao espaço urbano. Paralelo a isso, constatou-se a inconsistência de registros oficiais sobre a história do Parque Itaimbé, reconhecendo na história oral uma potencial fonte de informações para associar acontecimentos (individuais ou coletivos, na dimensão privada) e fatos (registrados oficialmente, na dimensão pública), como destaca Montenegro (1992).

A história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive. Fotografar, registrar alguns ângulos das diversas dimensões do real é uma forma de associar acontecimentos e fatos (MONTENEGRO, 1992, p.10).

Das ações que o [com]VIDA estava desenvolvendo explorando o território do Parque Itaimbé, foram identificados alguns personagens como possível fonte para aplicação de entrevistas dirigidas sobre o Parque Itaimbé, explorando o relato oral como uma das dimensões reais acerca do Itaimbé. Os primeiros entrevistados foram identificados pela proximidade da equipe do projeto de extensão, pois nesta escolha também seriam reconhecidos os afetos envolvidos. A cada personagem entrevistado era sugerido que indicasse outros nomes com quem o projeto pudesse conversar, construindo uma espécie de rede de afetos e camadas de histórias sobre o Parque.

O roteiro da entrevista foi organizado em quatro partes: (1) introdução; (2) rotina/cotidiano com o Parque; (3) histórias/afetos com o Parque e (4) conclusão. Conforme orienta Montenegro (1993) a introdução de uma entrevista com vistas de história oral tem por intenção explicar ao entrevistado “por que, para que e para quem” ele estará registrando suas memórias, além de orientar de forma geral o caráter da entrevista.

As questões levantadas no segundo momento de entrevista conduziam para entender a rotina de usos do entrevistado com o parque, com perguntas do tipo “com que frequência você vai ao parque?”, ou “você frequenta o parque sozinho ou acompanhado?” e “quais atividades você mais gosta de fazer no parque?”. Destaca-se que esse momento da entrevista tinha por objetivo o registro do tempo presente, nas relações cotidianas na história de vida atual do entrevistado.

Somente no terceiro momento da entrevista é que a camada de lembranças era provocada, com perguntas que intencionavam colocar o entrevistado em uma condição de facilitador no processo de resgatar as memórias daquele que falava. Do passado buscavam-se histórias pessoais de afeto com o Parque Itaimbé, conduzindo a entrevista para que esse espaço urbano fosse o cenário de suas boas memórias. Nesse trecho da entrevista surgiam perguntas do tipo “como você conheceu o Parque Itaimbé”, “você tem alguma história legal no Itaimbé?” e “o que o Parque significa pra você?”.

Para finalizar a entrevista, questionava-se ao entrevistado como ele imaginava o Parque no futuro e pedia-se indicação de outras pessoas, de suas relações atuais ou antigas, que usavam o Parque e poderiam compor a rede de afetos que o [com]VIDA estava construindo.

Uma vez realizado o contato com o possível entrevistado e constatado sua disponibilidade, o processo que segue pode ser dividido em três principais etapas. A primeira consiste na realização das entrevistas, apoiadas no roteiro escrito, com o registro em áudio. Após faz-se a transcrição de seus áudios e, por fim, realiza-se a catalogação do material coletado nessa etapa.

<sup>6</sup> Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti, popularmente conhecido como Bombril.

<sup>7</sup> Concha Acústica Lupicínio Rodrigues.



Figura 2 - Collage de afetos da entrevistada Anelis. Fonte: Acervo do projeto [com]VIDA, 2023.

Para Montenegro (1992) ao usar a entrevista como uma fonte oral de pesquisa, o centro do conteúdo está na memória do entrevistado, que pode manifestar-se como “memória voluntária” (resultado de estímulos diretos) ou “memória involuntária”, quando “estímulos os mais diversos desencadeiam processos de associação e de rememoração que fogem ao controle efetivo do entrevistador” (MONTENEGRO, 1992, p.151).

Por reconhecer a dimensão do inconsciente no trabalho com os registros orais sobre o Parque Itaimbé, relacionou-se à *collage* como possibilidade de comunicação dos afetos dos entrevistados com esse espaço urbano que, conforme Tuan (1983), já teriam sentido de lugar.

Das entrevistas realizadas, foram observados o tipo de relação entre o entrevistado e o parque, além da identificação de palavras-chave que caracterizam e resumem a sua história pessoal. A partir das palavras, definiram-se as figuras que representassem visualmente o que anteriormente foi relatado em áudio. As imagens servem para serem inseridas na *collage* de afetos, tendo como suporte o mapa do parque.

Dos procedimentos elencados por Fuão (2011) para que a *collage* aconteça, o “recorte” aparece tanto na seleção de palavras-chave, enquanto um recorte no registro oral dos entrevistados, como na escolha das figuras que ilustram as palavras-chave. Os “encontros” estão na aproximação das figuras recortadas entre si com o mapa do Parque Itaimbé que opera como a superfície suporte, ou, então, como o cenário das memórias compartilhadas pelo entrevistado. Por fim, a “cola” une as figuras ao mapa suporte, fixando os afetos ao Parque Itaimbé.

As entrevistas escolhidas para a representação em collages trazem consigo afetividades, lembranças, conteúdos significativos da interação entre os entrevistados e o Parque Itaimbé. Os recortes se dão a partir da escuta atenta das histórias contadas pelos entrevistados nas quais são identificadas as imagens que farão parte da *collage*. Essas imagens transformam-se em fragmentos que se encontram no território do parque e contam uma história de afeto com o local. Nessa construção, importa significativamente a atenção e o cuidado com todo o processo e com os novos significados resultantes neste encontro.



Figura 3 - Collage de afetos do entrevistado Roger. Fonte: Acervo do projeto [com]VIDA, 2023.

Flôres (2019, p.45) afirma que “a *collage* não compreende o irreal, ela é uma operação que ocorre em vários níveis do real, sendo ele o racional, o irracional e ou o simbólico, constituindo outra linguagem diversa”.

Da relação entre os registros orais e das imagens dos afetos, resultam as *collages* que expressam visualmente as boas lembranças dos entrevistados, sejam estas reais ou não, do racional ou irracional, relacionando-as com o Parque Itaimbé.

### Resultados: Collages de afetos

A ideia de quem faz *collages* é criar pontes invisíveis, pontes de significados, unir o sonho à realidade (FUÃO, 2011, p.83).

A produção das *collages* do Parque Itaimbé ocorreu a partir das entrevistas realizadas com pessoas que têm algum tipo de relação com o local. Tais entrevistas aconteceram com o objetivo de gerar um registro da história oral das pessoas que o frequentam ou costumavam frequentar, bem como reconhecer e compor a memória e a imagem do parque.

Buscar relatos orais para a construção da memória e da imagem do Parque Itaimbé através das entrevistas foi um dos motivadores desta proposta de atividade. As histórias e os lugares se transformam em imagens que os representam e são colados em uma base que retrata simbolicamente o território do Parque Itaimbé, ou seja, “cada figura é um argumento, uma história deslocada, uma narrativa. A *collage* é o lugar onde se dá o encontro de uma linguagem amorosa, onde as figuras se revelam e exibem em sua essência, porque deixaram de ser índice através do recorte (FUÃO, 2011, p.31).

Da rede de afetos construída pelo Projeto [com]VIDA, foram realizadas dez entrevistas, transcritas e catalogadas, entre maio de 2022 e março de 2023. Dessas, foram escolhidas cinco histórias para a construção das *collages*. Cada história foi analisada de forma individual pelos integrantes do Projeto [com]VIDA, de modo que de cada entrevista foram recortados trechos para ilustrar os afetos das histórias de vida dos entrevistados com o Parque Itaimbé. Em considerando afetos e recortes tem-se como embasamento que “todo recorte é uma captura, no sentido estrito de que sou



raptado pela imagem. E, esta captura, ou recorte, constitui-se no primeiro ato do trajeto amoroso” (FUÃO, 2011, p.39). Nas camadas de histórias de vida, soma-se o olhar do Projeto para a confecção da collage.

A primeira entrevistada, Anelis, frequentou o parque quando ainda era uma criança, na década de 1980 e contou sobre os eventos que aconteciam no Bombril<sup>8</sup> e na Concha Acústica. Ela fazia aulas de jazz e ginástica rítmica e era integrante do grupo “Andança”, com o qual fez uma apresentação de jazz no parque em 1987. As palavras-chave escolhidas a partir da sua narrativa para a collage (figura 2) foram: jazz; teatro; ginástica; Bombril; som dos pássaros; arborização; confraternização; show; churrasco e vizinhos.

Na entrevista, Anelis relembra dos shows de rock que assistiu na Concha Acústica e as diversas atividades que aconteciam todos os finais de semana no parque nos anos 1990. “Esperança” foi a palavra usada ao responder o que o Itaimbé significava para ela, pois sabe das adversidades que o parque enfrenta hoje, com dificuldades de manutenção e infraestrutura precária, e deseja vê-lo futuramente como um espaço urbano convidativo e ocupado pela comunidade santa-mariense.

O segundo entrevistado, Roger, tinha em torno de 12 anos quando o parque foi inaugurado. Na época gostava muito de jogar futebol com os amigos da sua rua, então com a construção do Itaimbé na cidade, ele conta que finalmente existiam quadras para os jogos e competições contra os meninos de outras ruas. Tendo em vista a sua história, as palavras de destaque para sua collage (figura 3) foram: futebol; banda de rock; Bombril; corrida; quadras esportivas e Concha Acústica.

Já na adolescência, os interesses de Roger voltaram-se para a música, mais precisamente o rock. Ele tinha uma banda com os amigos e o parque foi seu primeiro palco, já que a primeira apresentação do grupo aconteceu no Bombril, ainda na década de 1980. Saudoso, ele ainda lembra que nas noites de final de ano haviam várias atividades, jogos e muitas pessoas com cadeiras na rua tomando chimarrão, além dos diversos e frequentes shows na Concha Acústica. Hoje em dia, apesar de não

<sup>8</sup> Bombril: alcunha do Centro de Atividades Múltiplas Geraldo Pogeti em referência a uma conhecida marca de produtos de limpeza.



o frequentar como antes, Roger acredita que o parque precisa de mais atividades alternativas para que as pessoas possam olhar para ele com outros olhos, aumentando assim a conexão da comunidade com o Itaimbé.

A terceira narrativa foi a de um casal, Eliange e Marcelo, que se conheceram em 1985 no parque, enquanto ele jogava bola com seus amigos, ela assistia da sacada enquanto tomava chimarrão. Começaram a namorar naquele mesmo ano e se casaram alguns anos depois. Eles contam que estão juntos há 37 anos por causa do Parque Itaimbé e que hoje, morando fora de Santa Maria, sentem saudades e relembram de como foram felizes lá. As palavras-chave da sua collage (figura 4) são: relacionamento; caminhadas; casamento; árvores; sombra; chimarrão e futebol.

Além da história de amor nascida no Itaimbé, Marcelo e Eliange ainda lembraram das suas antigas rotinas no parque: caminhavam, tomavam sol, comiam bergamotas e assistiam aos diversos shows que aconteciam na Concha Acústica.

A quarta entrevistada, Salette, morou em frente às quadras do Itaimbé na época em que estava fazendo faculdade, entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. Ela fazia parte do movimento estudantil e conta que o parque era um espaço público democrático, comumente utilizado para shows e variados eventos, mas também serviu como palco para manifestações. Por conta da sua história com fortes impressões políticas e familiares, as palavras escolhidas para sua collage (figura 05) foram: atos políticos; manifestações, movimento estudantil; feminismo; shows; passeios com a neta; piquenique e chimarrão.

Com a inexistência de eleições diretas na época, Salette relatou as diversas vezes em que os jovens estudantes engajados em questões políticas e sociais foram ao Parque Itaimbé reivindicar seus direitos. Ela relembrou também das vezes em que o parque serviu de refúgio para ela e seus colegas, já que muitas vezes precisaram ter algum local para onde fugir da repressão durante as manifestações políticas.

Além disso, há mais de 40 anos, foi uma das fundadoras do primeiro coletivo feminista de Santa Maria, o Grupo Feminista Germinal. As meninas do grupo se reuniam no Itaimbé por ser um local acolhedor e que inspirava liberdade. Para além dos temas sociais, Salette lembrou saudosa dos dias em que frequentava o parque para tomar chimarrão, fazer piquenique e assistir aos shows gratuitos na concha com seus amigos. Hoje em dia ela leva sua neta para brincar e passear no parque, onde aproveita para

Figura 4 - Collage de afetos dos entrevistados Eliange e Marcelo. Fonte: Acervo do projeto [com]VIDA, 2023.

Figura 5 - Collage de afetos da entrevistada Salette. Fonte: Acervo do projeto [com]VIDA, 2023.



Esse relato deixa transparecer que para os entrevistados e pesquisadores, além do benefício do contato com memórias e afetos importantes e significativos da história do parque, têm-se ainda o registro e a divulgação da história do Parque e da cidade não encontrada em fontes oficiais. Os resultados obtidos, ainda que parciais, podem potencializar os ganhos da comunidade santa-mariense no momento em que se depara com outras formas de conhecer e de se contar a sua história. Os discursos, os recortes e as próprias *collages* complementam os fatos registrados na documentação oficial do Parque trazendo, também, novos elementos agora registrados e, talvez, nunca contados, auxiliando na construção imagética de sua evolução e identidade.

A partir dos relatos orais e da confecção de *collages*, promove-se uma aproximação ao território de análise ao mesmo tempo em que pode reavivar o interesse dos entrevistados, e suas relações, pelo parque. Outros elementos que se agregam é a possibilidade de dar publicidade a esse espaço público importante para a evolução urbana de Santa Maria. A esses relatos orais pode-se associar a dinâmica urbana para contribuir na compreensão da evolução urbana do Parque Itaimbé, reforçando as questões de pertencimento e identidade que podem refletir diretamente no cuidado com o espaço.

### Referências

ALBARELLO, Tales Henrique. *O Programa CURA I em Santa Maria (1979-1985). XI Encontro Estadual de História*. Universidade Federal do Rio Grande, julho de 2012, p.1056-1072. Disponível em: [http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346362267\\_ARQUIVO\\_OProgramaCURAemSantaMaria\\_1979-1985\\_.pdf](http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346362267_ARQUIVO_OProgramaCURAemSantaMaria_1979-1985_.pdf). Acesso em 25 mai. 2022.

BENADUCE, Marcia Isabel de Vargas. *Parque Itaimbé - Santa Maria/RS: gênese de um espaço público/privado*. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

DEL RIO, V., SIEMBIEDA, W. (org.). *Desenho urbano contemporâneo no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

FUÃO, Fernando. *A Collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FLÔRES, Anelis R. *A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre BR-RS, 2019.

GUMA, Juliana L; ALCÂNTARA, Marina; COIMBRA, Gabriela P. Cidade e Memória: Histórias narradas em retratos de família. In: Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 15-18 Junho 2021. Salvador: UFBA, 2021 / Organização Dilton Lopes de Almeida Júnior, Fábio Macedo Velame, José Carlos Huapaya Espinoza. p.3874-3891.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. São Paulo: Editora Unicamp, 2003. 5a edição.

MONTENEGRO, Antonio T. *História oral e memórias: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

SANTA MARIA. Lei Complementar nº 117, de 26 de julho de 2018. *Lei de Uso e Ocupação do Solo, Parcelamento, Perímetro Urbano e Sistema Viário do Município de Santa Maria*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria - RS, 2018.